

Socialismo e Cristianismo

Fidel Castro

Trecho do livro Fidel e a Religião – Conversas com Frei Betto, 7ª edição editora Brasiliense. Entrevista feita por Frei Betto a Fidel Castro em maio de 1985, primeira edição do livro foi publicado em no mesmo ano. Trecho referente a páginas 216 a 223 e 271 a 290)



Frei Betto – Comandante, em minha infância, eu ouvia certos padres dizerem que precisávamos lutar contra o comunismo e o socialismo, pois quando o socialismo chega as igrejas são fechadas, os padres assassinados, as freiras violentadas e os bispos enforcados. Pergunto-lhe: em Cuba as igrejas forma fechadas, os padres fuzilados, os bispos torturados, como ocorreu no Brasil durante o regime militar? Como foi?

Fidel Castro – (...) Quanto à nossa revolução, é uma revolução social profunda e, no entanto, não houve um só caso de bispo ou de padre fuzilado, nem um só caso de sacerdote maltratado fisicamente ou torturado. Bem, com relação a isto, o mais

admirável é que não se deu nenhum caso com sacerdote nem com leigo, porque desde a Sierra Maestra, quando fizemos as leis das quais lhe falei, contra os torturadores e assassinos, criamos em nossos combatentes uma profunda consciência de respeito à vida humana, à pessoa humana e de rejeição à arbitrariedade, à injustiça, à violência física contra o prisioneiro e as pessoas.

Não ganhamos a guerra apenas combatendo, mas também por causa da política adotada em relação aos prisioneiros. Não houve um só caso de soldado inimigo que, preso, tenha sido fuzilado. Um só caso de prisioneiro torturado, ainda que fosse para arrancar uma informação importante. Tínhamos nossas leis e, ao descobrir um espião, podíamos julgá-lo, sentenciá-lo e, inclusive, fuzilá-lo. Ah, mais jamais torturávamos para arrancar-lhe qualquer coisa! Em geral, esse tipo de gente se desmoraliza e sujaríamos nossas próprias mãos se o fizéssemos. Se precisamente o nosso papel se inspirava no ódio à tortura e ao crime, nos desmoralizaríamos se déssemos aos nossos soldados o exemplo da tortura e do crime. E quem não compreende que, **numa revolução, a moral é o fator fundamental, está perdido e fracassado.**

São os valores e a moral o que espiritualmente arma um homem. Você entenderá que, independentemente da convicção religiosa, não motivamos um combatente revolucionário com a ideia de uma recompensa no outro mundo ou de que, se morre, ganhará eternamente uma enorme felicidade. Aqueles homens, mesmo os que não eram cristãos, estavam dispostos a morrer por valores pelos quais consideravam que valia a pena sacrificar a vida, apesar de não terem nada além da vida. Portanto, só se consegue que um homem aja assim à base de determinados valores, que não se pode contradizer ou destruir.

Em nossa guerra não se deu nenhum caso de um soldado que, preso, tenha sido fuzilado. Isso ajudou muito, pois inspirou respeito, autoridade e moral nas forças revolucionárias, frente a um inimigo que, ao contrário, torturava, matava e cometia toda espécie de crimes. Mantemos essa tradição ao longo de mais de 26 anos, em todos esses anos de revolução, como uma política firme e decidida. Jamais toleramos o contrário. Não importa o que os inimigos dizem por aí! Dizem barbaridade e não ligamos. Quando se lê os telegramas internacionais se os percebe irritados e furiosos porque, realmente, não podem apresentar uma só prova de que a revolução cometera um assassinato, torturara um homem ou o fizera desaparecer. Em 26 anos, não há uma só prova. Esta tem sido uma revolução que se processa com muita ordem.

Fomos muito radicais, mas sem excessos. Jamais aceitamos violar um de nossos valores, sobre os quais se sustenta a revolução. Portanto, ninguém aqui foi vítima de tais métodos, nem um só padre ou bispo, nem o pior inimigo ou os que organizaram dezenas de atentados contra os dirigentes da revolução, planejados pela CIA.

Houve um momento e que havia aqui trezentas organizações contrarrevolucionárias. Cada cinco ou seis que se reuniam, eram uma nova organização. Nelas, encontrava-se todo tipo de oportunistas. Estavam convencidos que a revolução não resistira ao apoio, ao estímulo e à inspiração que recebiam dos Estados Unidos da América. Pois bem, qualquer um daqueles tipos, responsável por um fato de muita gravidade, podia ser fuzilado, em virtude das leis prévias, de julgamentos e de provas irrefutáveis de seus atos. Refiro-me a trezentas organizações. Sabíamos o que faziam mais do que eles, precisamente porque, como nossos órgãos de segurança não torturam, aprimoraram sua eficiência, buscando outros meios de se infiltrarem para conhecer e saber o que fazia o inimigo. Basta dizer que, a certo momento, quase todos os chefes daquelas organizações contrarrevolucionárias eram gente nossa, revolucionários que desenvolveram um trabalho primoroso, perfeito, uma forma de luta que excluía a violência física contra as pessoas para obter informações. Sabíamos o que um contrarrevolucionário fizera em cada dia do mês de Janeiro de 1961, onde e com quem se reunira. Tínhamos todas as informações. Se ao ser preso em 1962, quando já era um elemento perigoso, ele não se lembrava com exatidão o que fizera em tal dia de janeiro, nem com quem se reunira, os arquivos já registravam tudo. Essa gente em geral se desmoralizava, tinha uma mentalidade egoísta, movia-se por interesses e ambições materiais e não por uma moral. Ao se depararem com uma Revolução que tinha uma altíssima moral, eles não se aguentavam, desmoralizavam-se tão logo iam presos e, espontaneamente confessavam. Mediante violência física jamais se arrancou uma declaração ou uma informação de ninguém.

Poder-se-ia indagar: houve algum padre fuzilado por delitos contrarrevolucionários? Respondo: não. Legalmente era possível? Sim, desde que tivessem cometido delitos graves.

Frei Betto – Porém, igrejas foram fechadas e sacerdotes expulsos?

Fidel Castro – Não, nunca uma só igreja foi fechada no país. Em determinado momento, houve sim casos de forte enfrentamento político e, por causa da atitude militantemente política de certos padres, especialmente de origem espanhola, solicitamos que deixassem o país e suspendemos o visto de permanência aqui. Casos assim se deram. Contudo, autorizou-se que viessem outros sacerdotes para substituir os que saíram. Esta foi à única atitude que se precisou tomar. Depois, as relações se normalizaram.



Frei Betto e Fidel Castro

Os cristãos latino - americanos

Frei Betto – passemos a outros pontos.

Comandante, a primeira vez que nos encontramos foi exatamente na noite em que se comemorava o primeiro aniversário da revolução Sandinista, a 19 de julho de 1980, na casa de Sergio Ramirez, que atualmente é vice-presidente da Nicarágua, graças à mediação de um nosso amigo comum, o padre Miguel D'Escroto. Lembro-me que, naquela noite, tivemos a oportunidade de conversar umas duas horas sobre religião e igreja na América Latina e o senhor me deu um interessante panorama sobre religião e a Revolução em Cuba.

Fiz-lhe, então a seguinte pergunta: que atitude pensava assumir o governo cubano em relação a Igreja? A meu ver, havia três possibilidades: a primeira, acabar com a igreja e com a religião. Porém, a história demonstrara não apenas que isso é impossível, mas inclusive ajuda a reforçar a campanha do imperialismo de uma ontológica incompatibilidade entre o cristianismo e o socialismo.

A segunda seria manter a igreja e os cristãos marginalizados. Ponderei também que tal medida não só favoreceria a política imperialista de denúncia dos que ocorre nos países socialistas, mas também que, de algum modo, ajudaria a criar as condições para que as pessoas que tem fé, que são cristãs nos países socialistas, fossem consideradas potencialmente contrarrevolucionárias.

A terceira possibilidade seria uma abertura a inserção dos cristãos no processo de construção dessa sociedade de justiça e de fraternidade

No decorrer desses anos tivemos a oportunidade de novos encontros e vocês - numa atitude inusitada e louvável - me convidaram para iniciar uma série de conversações sobre o tema religião e Igreja, demonstrando que há interesse do governo cubano em aprofundá-lo. Frente ao convite, fiz uma contraproposta: aceitaria, desde que pudesse também aproximar-me mais da Igreja de Cuba.

Posteriormente tive a oportunidade de participar da reunião da conferência Episcopal Cubana, em fevereiro de 1983, na qual eu disse aos bispos: não tenho - e continuo não tendo - nenhuma delegação especial da Igreja, mas estou disposto, na medida do possível, a colaborar nesse processo de aproximação entre a Igreja e o Estado na realidade cubana.

Bem, o senhor conhece meu amor e minha consagração à Igreja. Posso confessar-lhe que tenho, na política, uma tentação e na pastoral, minha vocação. É por razões pastorais que me encontro aqui e que pretendo colaborar nesse trabalho.

Gostaria lhe perguntar: **que interesse tem vocês o governo cubano e o socialismo, em ter uma Igreja ativa e uma comunidade cristã participante? Porque muitas vezes propaganda do imperialismo considera o socialismo radicalmente contra toda e qualquer manifestação religiosa. Como o senhor vê isso?**

Fidel Castro - Bem, você se referiu à ocasião em que tivemos contato na Nicarágua, quando nos conhecemos na casa de Sérgio Ramirez. Foi na comemoração do primeiro aniversário do triunfo da Revolução Sandinista. Convidaram-me, participei e, dentro de um intenso programa, levaram-me aquela madrugada - pois era tarde da noite - à casa de Sérgio Ramirez, onde conversamos sobre esses temas.

Já naquela ocasião você conhecia perfeitamente meus encontros com os Cristãos pelo Socialismo, no Chile, em 1972, quando visitei aquele país, no governo de Allende. Tive realmente uma agradável e interessantíssima reunião com todo aquele grupo de sacerdotes e cristãos - eram muitos, uns duzentos - , inclusive alguns que vieram de outros países. Poucos antes eu havia tido contato com o padre Cardenal que é sandinista, escritor e poeta.

Frei Betto - Escreveu um lindo livro sobre Cuba.



Ernesto Cardenal padre e escritor nicaraguense

Fidel Castro- Precisamente um dia antes de viajar para o Chile, fui vê-lo. À noite o apanhei e ficamos duas horas asseando de carro e falando da situação da Nicarágua e de outras coisas. Fiquei admirado ao comprovar como aquele homem, em poucas semanas, foi capaz de publicar, com grande precisão, o que havíamos conversado e além disso, descrevê-lo com tanta beleza. Ficamos de nos encontrar também no Chile, mas não foi possível. Naquele país tive uma longa conversa com os Cristãos pelo Socialismo e abordamos esses mesmos temas, há cerca de treze anos.

Posteriormente, por ocasião da visita à Jamaica, tive também um encontro com os religiosos, representantes das diferentes comunidades cristãs do país. Foi em outubro de 1977. Numa longa e serie conversação, **expus a eles algumas de minhas teses, nas quais falo da aliança entre cristãos e marxistas. Me perguntaram: “uma aliança tática?” Respondi: “Não, uma aliança estratégica para realizar as mudanças sociais necessárias a nossos povos”.** Já no Chile falei disso.

Tive também contatos com importantes dirigentes do Conselho Mundial de Igrejas, muito interessados nos problemas do Terceiro Mundo, na luta contra a discriminação, contra o *apartheid* e numa série de questões sobre as quais coincidíamos plenamente.

Na evolução dessas ideias teve grande influência o aparecimento de todo um movimento dentro da Igreja na América Latina, que se voltou para os problemas do operário, do camponês, dos pobres, e que começou a lutar e a pregar a necessidade de justiça em nossos países. Assim surgiu esse movimento que adotou diferentes lugares

da América Latina, após o triunfo da Revolução Cubana, ou seja, nos últimos 26 anos. Nos demos conta de que se produzia uma tomada de consciência no seio da Igreja católica latino-americana e de outras Igrejas, acerca da gravidade dos problemas sociais, das terríveis condições em que vivia o povo, o que levou muitos cristãos a optarem pela luta a favor dos pobres. Isto se revela também na atitude dos cristãos da Nicarágua, em seu relevante papel na luta contra Somoza, e também por reformas e por justiça social.

Contei-lhe que anos antes da vitória da Revolução Sandinista eu já conhecia o padre Ernesto Cardenal. Conhecia o seu pensamento e o admirava como escritor, poeta e, sobretudo, revolucionário. Depois conheci seu irmão, Fernando Cardenal, e D'Escoto. Assim fui conhecendo uma série de figuras e de sacerdotes de valor que se identificavam com o povo, lutavam por ele e que, frente às pressões do imperialismo, mantiveram uma firme atitude de apoio à Revolução, como causa sua e como questão de consciência, de modo muito profundo. Por isso, ao visitar a Nicarágua reuni-me com um grupo de líderes religioso.

Frei Betto - Estive presente aquela reunião.

Fidel Castro - Como já falei, aquela reunião não teve o mesmo caráter de reunião do Chile ou da Jamaica. Foi muito breve e não houve tempo de discutir profundamente as questões. Foi mais um encontro, uma saudação, durante a qual tive oportunidade de conhecer um grupo de irmãs da Ordem de Maryknoll. Eram três religiosas norte-americanas que trabalhavam na Nicarágua e fiquei muito impressionado com a sua extraordinária bondade, com o seu entusiasmo e com a sua dignidade. Foram muito atenciosas e afetuosas com a gente.

Mesmo na Nicarágua, o movimento dentro da Igreja a favor do povo, dos pobres e da justiça social, atingiu um alto nível. Já naquela época, os revolucionários salvadorenos lutavam, em condições muito difíceis, com o apoio de inúmeros cristãos, a fim de acabar com os crimes e com a tirania que aquele país suporta há décadas. Merece especial atenção a atitude digna e corajosa de monsenhor Romero, arcebispo de El Salvador, que denunciou os crimes cometidos, o que lhe custou a vida.

Tempos depois, recebi a brutal notícia de que quatro irmãs da Ordem de Maryknoll, entre as quais algumas que conversaram comigo naquele dia, tinham sido barbaramente assassinadas em El Salvador. É claro que posteriormente se soube como se deram os fatos e quem foram os culpados: agentes do regime repressor que, apoiados pelo Estados Unidos, ultrajaram e assassinaram as quatro religiosas. Como também foram agentes ligados à CIA e ao imperialismo que mataram, de modo atroz e traiçoeiros, o arcebispo Dom Romero.

Foram bem amistosos meus encontros com os líderes cristãos na América Latina e no Caribe. Sabiam o que eu pensava e eu apreciava muito o trabalho deles. Foi precisamente naquelas circunstâncias que ocorreu o nosso primeiro encontro, quando você me explicou o nosso primeiro encontro, quando você me explicou o trabalho que

fazia a Igreja no Brasil. Você já sabia como eu pensava e, portanto, sabia que nunca tivemos a intenção de acabar com a religião em nosso país - falei-lhe longamente sobre isso. Não se tratava só de motivo político. E lembre-se que somos revolucionários, o que significa políticos na mais alta e pura expressão do termo. Quem não conhece as situações políticas não tem sequer o direito de propor um programa revolucionário, porque não conduzirá seu povo à vitória e nem seu programa à realização. Porém, **no que se refere à religião, antes do fator político, tenho presente o fator moral e os princípios, porque de nenhum modo se coloca ou se concebe a mudança social profunda, o socialismo e o comunismo, com algo que se proponha a imiscuir-se no foro íntimo de uma pessoa ou nega o direito de pensamento ou de convicções religiosas a qualquer ser humano. Parece-nos que isso pertence ao mais íntimo da pessoa humana e, por isso, vemos tais direitos reconhecidos na nossa Constituição Socialista, de 1975, não como mera questão política, e sim como algo que tem mais amplitude, como uma questão de princípios, de respeito ao direito de a pessoa professar a religião que queira.** Tal princípio está na essência do socialismo e do comunismo, e também das concepções revolucionárias a respeito das convicções religiosas, ao mesmo nível do respeito à vida, à dignidade pessoal, ao direito da pessoa honra ao trabalho, ao bem-estar, à saúde, à educação, à cultura, que formam parte essencial dos princípios da Revolução e do socialismo.

As relações Igreja - Estado

Em nosso país, entretanto, a Igreja não tinha influência e pregação semelhantes às de outros países latino-americanos, por razões que já lhe expliquei, pois era uma Igreja da minoria rica que, em geral, emigrou. Contudo, isso jamais provocou o fechamento de uma só igreja neste país ou medidas contra a instituição, embora aquela gente tivesse assumido posição militante contra a Revolução. Muitos foram para os Estados Unidos. Alguns padres adotaram também a mesma posição militante, transferiram-se para os Estados Unidos e promoveram campanhas ponto de abençoarem a criminoso e mercenária invasão da baía dos Porcos, o bloqueio a Cuba todos os crimes que o imperialismo cometeu contra o nosso país - o que, a meu ver, está em absoluta contradição com os princípios do cristianismo. Porém, nunca tal situação nos levou a tomar qualquer medida contra a Igreja. Aqui ficaram poucos católicos, pois a maioria deixou o país atraída pela riqueza e pela ideologia imperialistas, e os que ficaram não eram numericamente expressivos, nem chegavam a se constituir numa força política. Não apenas por razões de princípios, fomos consequentes com as normas revolucionárias de respeito às crenças e instituições religiosas.

Como também já lhe falei, as dificuldades iniciais foram superadas em tempo relativamente curto, sem nenhum traumatismo e, em arte, graças à atitude do núncio apostólico em Cuba. Criou-se uma situação que não daríamos de marginalização e sim

de mera coexistência entre a Revolução e a Igreja, dentro de um completo e absoluto respeito mútuo. Mas não passou disso. Era essa a reflexão que eu pretendia fazer ontem.

Já as relações com as demais Igrejas evangélicas foram excelentes no decorrer de todos esses anos, sem nenhuma espécie de conflito. Mencionei lhe casos de algumas seitas que criam problemas em todas as partes, não apenas com o socialismo ou com a Revolução Cubana. Todavia, considerando a situação entre cuba e Estados Unidos, a atitude daquelas seitas convinha a este país, pois sendo ele muito rico e mantendo-nos sob ameaça, interessava-lhe que, aqui, uma seita pregasse “não empunhar armas para defender a pátria, não honrar a bandeira, não cantar o hino nacional”. Objetivamente isso iria contra a integridade, a segurança e os interesses da Revolução e convinha aos interesses do imperialismo. Sei que algumas daquelas seitas criaram problemas em muitas partes, exceto num país poderoso como os Estados Unidos. É melhor que se fixem lá e se oponham, inclusive, à “guerra nas estrelas”. Assim, prestariam um grande favor ao mundo.

Essa possibilidade de abertura, de que temos falado, está implícita, como ideia, nas colocações que fiz no Chile e na Jamaica. Porém, quando se dá o nosso encontro, já todas as condições estão criadas para a mútua receptividade de nossos pontos de vista quanto às relações entre cristianismo e revolução. É preferível falar de cristianismo e socialismo do que de Igreja e socialismo. Por isso, nosso encontro ocorreu em clima amistoso e harmonioso. Depois você começou a trabalhar aqui periodicamente. Não fiquei a par de tudo porque, após o nosso encontro, a vida diária me mergulhou em suas lutas e batalhas. Posteriormente, soube que você andara por aqui e do que fizera. Não voltamos a nos encontrar senão recentemente. Porém, confesso-lhe que me agradaram e entusiasmaram a sua persistência e constância a partir da conversa que tivemos. Eu continuei meditando e elaborando algumas ideias nessa linha. Até que, em nosso último encontro, nos foi possível aprofundar um pouco mais, quando acertamos esta troca de impressões e esta entrevista que você julga conveniente.

É com esse espírito que pretendemos avançar. Os encontros que terei com os bispos cubanos não estão diretamente relacionados com o que tive com os bispos cubanos não estão diretamente relacionados com o que tive com os bispos norteamericanos. A estes, expliquei o que pensamos sobre essas questões e falei do propósito de me reunir com o episcopado cubano. Informei-os do avanço desse processo, devido a todos esses contatos que temos tido. Primeiro surgiram essas concepções que brotaram de fatos observados por nos na atitude justa da Igreja e, sobretudo, de muitos cristãos, entre os quais inúmeros sacerdotes e bispos de valor. Muitas figuras da igreja assumiram uma posição, a meu ver justa, de luta contra a exploração, a injustiça, a dependência e a favor da libertação. Esse fenômeno primordial inspirou nosso modo de pensar, expressado no encontro que tivemos. Ele ajudou nesses contatos, pois há quinze anos, precisamente treze, esse processo está em gestação, só que, agora, chegamos ao momento de dar passos concretos, e eles, de fatos, já começam a aparecer. Portanto, os fatos, as concepções e, em seguida, os novos

fatos, assim evoluiu esse processo até agora, quando nos encontramos num momento decisivo para avançar.

Eu lhe dizia que isso já não é somente uma questão de princípios o uma questão de estética. Estética em que sentido? Penso que a Revolução é uma obra que deve ser aperfeiçoada, em suma, é uma obra de arte.

Frei Betto - Bela definição!

Fidel Castro - Assim, não podemos nos dar por satisfeitos se encontramos, numa revolução, um grupo de cidadãos - não importa quantos sejam, ainda que sejam ou milhão, nem quinhentos ou mil entre milhões -, que seja 1 % dos cidadãos que, por motivos de índole religiosa, se sintam incompreendido ou vítima de alguma forma de discriminação política, com a que nos referimos ontem, relacionada a questão da militância no Partido, e que pode estar acompanhada de outras formas sutis de discriminação, pois basta não ser compreendido no meio social para que já haja sofrimento, o que se revela, inclusive, em formas sutis de desconfiança. Expliquei-lhe que isso tinha uma causa exclusivamente histórica, porque a Revolução estava decidida a sobreviver na sua luta contra um inimigo muito poderoso e que pretendeu aniquilá-la, ainda que a custo da vida de milhões de cubanos. Aquela identificação que se produziu, nos primeiros tempos, entre hierarquia eclesiástica, contrarrevolução e imperialismo, é que está nas origens dessa desconfiança que, por sua vez, engendra uma forma sutil de discriminação, como o exemplo de militância ou ainda de outras atividades politicamente delicadas, quando se considera que possa existir contradição entre determinada fé religiosa e os deveres elementares do patriota e do militante revolucionário.

Se me dizem: há 100 mil - não sei o número exato de cristãos em cuba - que tem esse problema e, no entanto, é gente que tem condições de reunir as qualidades do patriota e de revolucionário, e gente generosa, trabalhadora, cumpridora de seus deveres, isto é, para mim, motivo de insatisfação. Se me dizem que são 50, 10 mil ou apenas um, ainda assim a obra de arte da Revolução não estaria completa. É como se houvesse uma cidadã discriminada por ser mulher. Qual país da América Latina avançou mais do que Cuba na luta contra a discriminação da mulher? Antes havia também a discriminação racial. Se houvesse uma única pessoa discriminada por causa da cor de sua pele, isso seria motivo de profunda preocupação não estaria completa esta obra de arte chamada Revolução.

A essas concepções, critérios e princípios, somam-se considerações de ordem política. Se numa revolução tão empregada de justiça, como a Revolução socialista em Cuba, existisse alguma forma de discriminação a uma pessoa por razões religiosas, isso só seria útil aos inimigos do socialismo e da Revolução, aos que exploram, saqueiam, submetem, agridem, intervêm, ameaçam e preferem exterminar os povos da América Latina e do Caribe a perderem seus privilégios. Portanto, deve-se levar em conta também as considerações de ordem política.

Creio que tais reflexões revelam a base de nosso pensamento e explicam o nosso interesse, seja razões de princípios, seja por razões políticas, no sentido mais amplo do termo. Sem se liberta dessas limitações, a obra da Revolução estaria incompleta em alguns setores.



Mobilização nas ruas cubanas em apoio a revolução socialista de 1959 em Cuba

Os cristãos e a esquerda na América Latina

Frei Betto - Muito bem, Comandante.

Quero fazer outra pergunta. O senhor sabe - pois já se referiu muitas vezes a isso - que após o Concílio Vaticano II, convocado pelo papa Joao XXIII, e depois da versão latino-americana, em Medellín, em 1968, iniciaram-se muitas mudanças na Igreja, em nosso Continente. A Igreja aproximou-se mais dos pobres, especialmente em países como o Brasil, que foram governados muitos anos por ditaduras militares. Costumo dizer que não foi bem a Igreja que optou pelos pobres, mas, devido à repressão ao movimento popular e ao movimento sindical, os pobres fizeram opção pela Igreja, ou seja, buscaram nela um espaço onde se manterem organizados, articulados, conscientes e atuantes. Não estou fazendo um jogo de palavras, estou repetindo o que escutei de, pelo menos, dois bispos do Brasil. Assim, na medida em que os pobres invadiram a Igreja, padres e bispos católicos começaram a se converter ao cristianismo. Hoje, há inúmeras Comunidades Eclesiais de Base em toda a América Latina. No Brasil, são cerca de 100 mil, congregando em torno de 3 milhões de pessoas, a maioria operários, camponeses e marginalizados. Por que o fenômeno das Comunidades Eclesiais de Base no Continente?

Fidel Castro - Você disse quantos milhões de pessoas?

Frei Betto - cem mil grupos em cerca de 3 milhões.

Por que este fenômeno? Atualmente há comunidades no Chile, na Bolívia, no Peru, no Equador, na Guatemala e na Nicarágua, que jogam um papel relevante no processo de libertação. Há também no México e em El Salvador, inclusive nas zonas liberadas pela guerrilha. Como se explica isso?

Se perguntarmos a um camponês, a um operário, a uma empregada doméstica latino-americana: qual a sua visão do mundo? Com certeza eles darão uma resposta tecida em categorias religiosas. A isso mais elementar do povo oprimido da América Latina é uma visão religiosa. E, ao meu ver, um dos mais graves erros da esquerda na América Latina, particularmente da esquerda de tradição marxista-leninista, foi pregar o ateísmo em seu trabalho com as massas.

Vela, não se trata de deixar de dizer o que se pensa, mas sim de ter o mínimo de sensibilidade para com a visão religiosa do povo. Aquele erro impossibilitava o vínculo entre a proposta política e as massas. Não é fácil conscientizar um operário ou um camponês da importância de se lutar pelo socialismo. Contudo, eles entendem quando dizemos: ***“Cremos num só Deus que é Pai. Se isto é verdade, todos nós devemos viver como irmãos. Porém, nesta sociedade em que vivemos não existe a fraternidade que Deus quer, ela é negada pela discriminação racial, pela desigualdade de classes, por contradições econômicas e pelo fato de haver homens muito ricos ao lado de uma maioria muito pobre. Assim, a partir mesmo de nossa fé, lutar pela fraternidade é lutar contra todas essas situações que impedem, concreta e historicamente, a igualdade social, a justiça, à liberdade, a plena dignidade de todas as pessoas, independentemente de seu trabalho, de sua cor e de suas concepções”***. Esta é a razão pela qual esse trabalho se desenvolveu muito nesses anos.

A reflexão que emergiu dessas comunidades, a reflexão de fé que serve de luz para animar as pessoas na luta pela libertação na Guatemala, no Peru, no Brasil, em El Salvador e em todos os países, e que é sistematizada pelos teólogos, é justamente o que denominamos Teologia da Libertação.

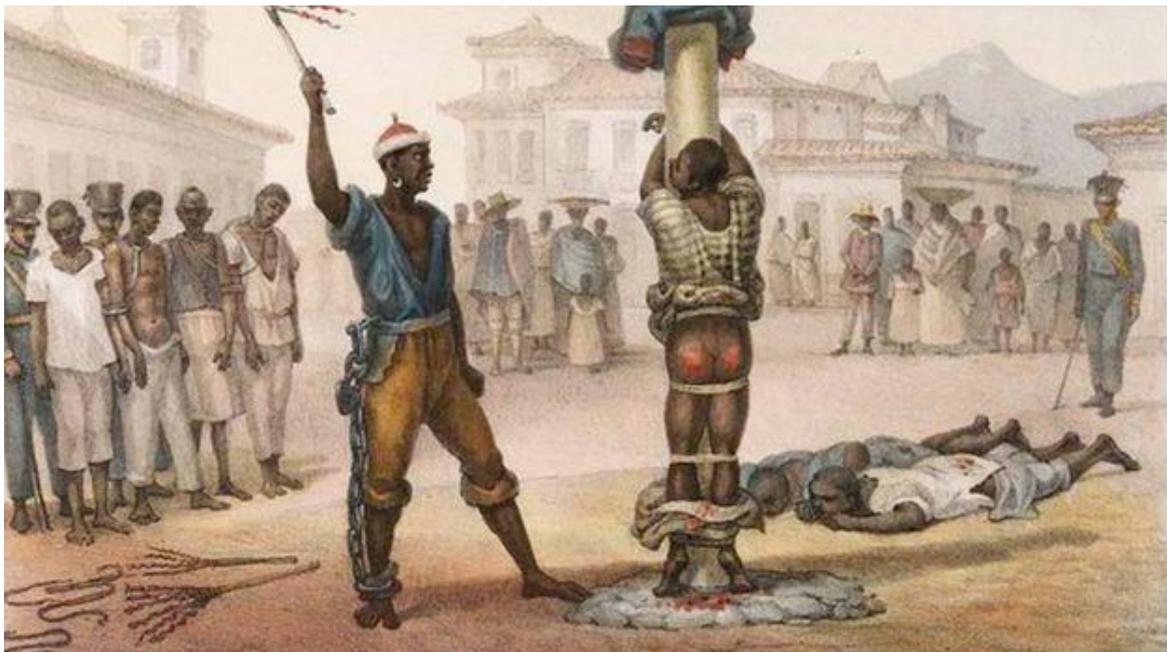
Eu gostaria de saber como o senhor vê essas comunidades, há neste momento toda uma polêmica em torno da Teologia da Libertação, considerada como perigoso fator de subversão por Reagan e pelo Documento da Santa Fe. O que pensa o senhor da Teologia da Libertação?

Fidel Castro - Bem, você fez uma exposição relativamente longa, muito interessante e, ao final, uma pergunta. Para responde-la devo referir-me a alguns pontos de sua explanação.

Você mencionou como um erro do movimento político, da esquerda marxista-leninista, o modo de focar o problema religioso e a pregação do ateísmo na América Latina. Realmente, não estou em condições de saber como cada movimento ou partido de esquerda ou como cada partido comunista da América Latina abordou a questão religiosa, já que os temas de conversações ou análises com aqueles movimentos

sempre giram em torno de outros problemas, da situação econômica das massas e de seu estado de pobreza; enfim, referem-se fundamentalmente a questões políticas e não me lembro se realmente, nas inúmeras conversações que tivemos nesses 26 anos com representantes e delegados daqueles partidos, chegamos a analisar este ponto a que você se refere. Por isso não posso dizer o que eles pensam, mas você vive num país latino-americano, visita outros e deve ter mais informações do que sobre isso.

Acho, entretanto, que o movimento político e revolucionário deve fazer suas análises a partir das condições dadas, existentes num determinado momento, e elaborar sua estratégia, sua tática e seus enfoques não só a partir de doutrinas, embora deva se basear na doutrina, pois é preciso leva-la à prática na realidade. Se não há uma estratégia e uma tática corretas na aplicação do pensamento político, então, por melhor que seja este pensamento político, ele se converte em utopia, não por se objetivamente irrealizável e sim por sê-lo subjetivamente.



A convite da Coroa Portuguesa, o francês Jean- Baptiste Debret pintou "Aplicação do Castigo do Açoite" no século 19, obra representa sessões de tortura aplicadas aos negros durante a escravidão no Brasil

A religião como dominação

Fidel Castro - Entendo perfeitamente as contradições entre o pensamento político-revolucionário e a Igreja. Se eu fosse um dos antigos índios de Cuba, um siboney, e chegassem uns estrangeiros com arcabuzes, bestas, espadas, uma insígnia real e uma cruz, para atacar a aldeia e matar e capturar a quem quisessem, que pensaria eu de tudo aquilo? Uma das primeiras coisas que fizeram os espanhóis ao regressar à Espanha, entre eles Colombo, foi levar um mostruário de índios, o que representa uma flagrante violação dos direitos mais elementares dos índios que aqui viviam, porque

não pediram licença a ninguém para leva-los como troféu à Europa e os capturaram da mesma forma que se captura um lobo, um leão, um elefante ou um macaco. Ainda hoje é mais ou menos aceita a violação dos direitos animais dos macacos, dos leões e dos elefantes, creio porém que há tempos a consciência humana valorizou os direitos do homem, seja ele branco, índio, amarelo, negro ou mestiço. Se perguntássemos a um índio mexicano, nas mesmas condições, que opinião teria de tudo aquilo, a resposta não seria muito reverente aos conquistadores e a suas convicções religiosas. Vinham com a espada e a cruz dominar, escravizar e explorar os “infiéis”, que afinal também deveriam ser considerados criaturas de Deus. Assim conquistaram este Continente. Fé messiânica era aquela que pretendia impor com sangue a fé e a civilização ocidental cristã. Quem se julga dono de uma verdade não tem o direito de propaga-la à base de matar ou escravizar os povos.

A verdade mais objetiva que encontraram os países conquistados pelas nações mais avançadas foi a perda de sua liberdade, o abuso, a exploração, as cadeias e, por vezes, inclusive o extermínio. É preciso assinalar que já naquele tempo houve sacerdotes que reagiram contra aqueles crimes inauditos, como por exemplo o padre Bartolomeu de las Casas.

Frei Betto - Ele viveu aqui e também era dominicano.

Fidel Castro - A Ordem pode se sentir orgulhosa dele, foi um dos exemplos mais honrados, pois denunciou e se opôs aos horrores que se seguiram à conquista.

Durante séculos existiu o colonialismo, continentes inteiros foram divididos entre as potências europeias: Ásia, África e América foram ocupadas e exploradas durante séculos. Eles trouxeram também sua religião que, de certa forma, era a religião dos conquistadores, dos escravizadores e dos exploradores. É verdade que essa mesma religião, por seu conteúdo intrínseco, e eu acrescentaria, também humano, por sua essência nobre e solidária, apesar das contradições dos atos e das situações dos conquistadores que traziam, essa religião – não falo dos sacerdotes – terminou sendo, na antiga Roma, a religião dos escravos. Neste Hemisfério, onde os espanhóis estiveram três séculos – em Cuba, quase quatro, pois fomos um dos primeiros a ser conquistados e dos últimos a nos libertar - propagou-se amplamente a religião dos conquistadores. O mesmo não aconteceu na Ásia, onde já existiam outras religiões muito arraigadas e velhas culturas mais resistentes. Lá a religião aborígine era a hindu, o budismo e outras com grande riqueza de conteúdo. O cristianismo se defrontou com outras religiões e com outras filosofias, o domínio foi menor, menos universal e, inclusive, não chegou a predominar e, em consequência, no mundo árabe e no Oriente Médio prevaleceu a religião muçulmana, apesar das cruzadas, da conquista ulterior e do domínio dos europeus ocidentais, Nos países do Sudeste Asiático ou na Índia, prevaleceram a religião hindu e a budista, não obstante a colonização europeia. Nas Índias orientais e

em outras regiões da Ásia, como na China, também predominou a Religião autóctone, apesar do domínio da Europa.

Na própria Europa feudal, na qual os nobres e os senhores feudais eram proprietários das terras e do povo, a Igreja esteve indiscutivelmente aliada ao sistema de exploração, embora levasse consolo às almas. Havia uma contradição entre o sistema social e a doutrina da Igreja. No império dos czares, havia uma estreita aliança entre império, nobres, senhores feudais, latifundiários e Igreja. Essa realidade histórica inquestionável durou muitos séculos.

Toda a África foi conquistada pela força das armas, exceto um país, Etiópia. Em alguns lugares estiveram mais tempos, em outros, menos. Houve menos assimilação cultural e, na África, não predominou o cristianismo. No norte da África prevalecia a religião muçulmana e, no resto, as religiões animistas. Entretanto, durante séculos os ocidentais não se dedicaram, na África, a pregar o cristianismo, e sim a produzir escravos. Ignoro se alguém sabe com exatidão quantos milhões de homens livres os europeus capturaram na África, escravizaram e trouxeram para a América Latina, o Caribe e a América do Norte, a fim de vendê-los como mercadoria. Talvez uns 100 milhões. Creio que já há pesquisas sobre isso. Calcula-se que chegaram vivos ao menos uns 50 milhões, por que um número talvez maior morreu no processo de captura ou durante a travessia do Atlântico.

Frei Betto – No Brasil, chegaram vivos 4 milhões.

Fidel Castro – Imagine quantos morreram separados do lugar em que nasceram, separados da família e de tudo! Esse assombroso sistema durou quase quatro séculos. Simplesmente prevaleceu, durante séculos, o dental sobre os povos que hoje constituem o Terceiro Mundo.

Os índios foram exterminados em muitos lugares. Em Cuba, praticamente todos, o que não ocorreu em outros países, porque eles eram em grande número ou foram preservados como força de trabalho. Os africanos foram escravizados durante séculos. Inclusive a escravidão prosseguiu após a Independência dos Estados Unidos, apesar da solene Declaração dos Direitos Inalienáveis do Homem “concedidos pelo criador” e considerados como “verdades evidentes”. Durante quase um século. Milhões de negros africanos e seus descendentes continuaram escravizados. Essa foi para eles a única verdade evidente e o único direito que lhes foi concedido pelos criadores da escravidão e do capitalismo. Ainda naquele país, após a Independência, os índios foram simplesmente exterminados por cristãos europeus e seus descendentes. Toda aquela gente se considerava muito religiosa. Como também os que caçaram índios e lhes arrancaram o couro cabeludo para apoderar-se de suas riquezas e de suas terras. Esta é uma realidade histórica inegável. Mesmo na Argentina, na época de Rosas, os cristãos,

a exemplo dos Estados Unidos, invadiram as terras indígenas e exterminaram os índios. Em muitos lugares o extermínio das populações aborígenes foi procedimento adotado.

Não se pode negar que historicamente a Igreja – digamos, as igrejas dos conquistadores, dos opressores e dos exploradores – esteve ao lado dos conquistadores, dos opressores e dos exploradores. Nunca houve realmente uma condenação categórica à escravidão, algo tão horrendo hoje às nossas consciências. Nunca se condenou a escravidão do negro ou a do índio, nem o extermínio das populações aborígenes e de todas aquelas coisas atrozés que se fizeram contra elas, a apropriação de suas terras, de suas riquezas, de sua cultura e suas vidas. Nenhuma Igreja o condenou e aquele sistema durou séculos.

Assim, nada há de estranho no fato de o pensamento revolucionário, que surgiu num esforço de luta contra aquelas seculares injustiças, encerrar um espírito antirreligioso. Sim, tem explicação real e histórica a origem desse pensamento do movimento revolucionário, que se manifestou na França, na revolução burguesa e também, na Revolução bolchevique. Surgiu primeiro no liberalismo. Já a filosofia de Jean-Jacques Rousseau e dos enciclopedistas franceses revelava esse espírito antirreligioso. E só apareceu no socialismo e, depois, no marxismo-leninismo, por essas razões históricas. Jamais houve uma condenação do capitalismo. Quem sabe futuramente, dentro de cem ou duzentos anos, quando o sistema capitalista já não existir, haja quem afirme amargamente: durante séculos as Igrejas dos capitalistas não condenaram o sistema capitalista, nem o imperialismo. Assim como hoje dizemos que não condenaram a escravidão. O extermínio dos índios e os sistema colonialista

Atualmente os revolucionários lutam contra esse sistema de exploração reinante, também inumano e, portanto, há explicação para o que você qualifica de erro e que, efetivamente, podem ser erros, por que a questão reside em como uma ideia ou uma programa social revolucionário se realiza na prática. E se você me diz que, nas atuais condições da América Latina, é um erro acentuar as diferenças filosóficas com os cristãos que, como parte majoritária do povo, são as vítimas massivas do sistema, em vez de concentrar o esforço em conscientizar para unir numa mesma luta todos que carregam uma mesma aspiração de justiça, então eu diria que você tem razão. E muito mais lhe dou razão quando se observa a tomada de consciência dos cristãos ou de uma importante parcela deles na América Latina. Se partimos desse fato e das condições concretas, é absolutamente correto e justo exigir que o movimento revolucionário tenha um enfoque adequado da questão e evite, a todo custo, uma retórica doutrinal que entre em choque com os sentimentos religiosos da população, inclusive de trabalhadores, de camponeses e de setores médios, o que só servirá para ajudar o próprio sistema de exploração.



www.averdade.org.br

Eu diria que, frente a uma nova realidade, deveria haver uma mudança no tratamento da questão e nos enfoques da esquerda. Nisso concordo inteiramente com você. Para mim é inquestionável.

Mas durante um longo período histórico, no qual a fé foi utilizada como instrumento de dominação e de opressão, há lógica no fato de os homens que desejaram mudar esse sistema injusto entrarem em choque com as crenças religiosas, com aqueles instrumentos e com aquela fé.

Creio que a grande importância histórica do que você denomina Teologia da Libertação, ou Igreja da libertação – como se preferir – é precisamente sua profunda repercussão nas concepções políticas dos cristãos. Eu diria algo mais: o reencontro que significa dos cristãos de hoje com os cristãos de ontem, dos primeiros séculos, quando surge o cristianismo depois de Cristo.